

RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E REFORMULAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO EM ARTIGO CIENTÍFICO DE PESQUISADORES INICIANTE E EXPERIENTES: UM ESTUDO SOBRE O PARAFRASEAMENTO NAS CITAÇÕES POR “DI” E “MDS”

Rosângela Alves dos Santos Bernardino;
Leticia da Silva Queiroz;
Daliane Pereira do Nascimento.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (rosealves_23@yahoo.com.br; leticiasilva-queiroz@hotmail.com; dalianypereira@outlook.com)

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UERN – cota 2016-2017), cujo objetivo geral consiste em estudar, no gênero artigo científico, as estratégias de reformulação do discurso do outro mobilizadas por pesquisadores iniciantes e experientes pelo uso da paráfrase, através das marcas de discurso indireto (DI) e de modalização em discurso segundo (MDS ou *mediativo*). Especificamente, pretendemos: (i) identificar os contextos linguísticos em que os autores mobilizam o discurso do outro por meio do DI e da MDS; (ii) descrever e interpretar as estratégias de reformulação parafrástica do conteúdo do discurso do outro nas citações por DI e MDS; e (iii) discutir sobre os efeitos de sentido decorrentes do parafraseamento praticado e do posicionamento enunciativo assumido pelos pesquisadores iniciantes e experientes em relação ao discurso do outro no texto acadêmico-científico. O *corpus* da pesquisa constitui-se de artigos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes e experientes, coletados em periódicos especializados da área de Letras, sendo disponíveis para livre acesso em versão *on-line*. O aporte teórico adotado advém dos estudos de Adam (2011), filiando-se à Análise Textual dos Discursos (ATD), em diálogo com autores situados no campo dos estudos enunciativos, tais como Guentchéva (1994), Rabatel (2009), Authier-Revuz (1998), além de considerar a noção de paráfrase, tal como ela é empregada nos estudos de Hilgert (2002, 2015), bem como a abordagem de gêneros do discurso, conforme Bakhtin (2011). Diante das nossas análises iniciais, percebemos que o DI e a MDS são mobilizados em contextos linguísticos que, apoiados em Rabatel (2013), denominamos de “responsabilização compartilhada”, consistindo em situações nas quais o autor do texto (primeiro locutor-enunciador – L1/E1) imputa pontos de vista (PdV) a outros enunciadores, em seguida manifesta um posicionamento de acordo. Conforme as ocorrências analisadas preliminarmente, verificamos que os pesquisadores iniciantes, em comparação com os mais experientes, empregam com maior frequência a estratégia de adesão ao conteúdo proposicional dos PdV atribuídos a outrem, sendo que o parafraseamento praticado por ambos os pesquisadores sugere também adesão às palavras dos autores citados. Desse modo, evidencia-se o chamado “paralelismo parafrástico”, aquele tipo em que o trecho reformulado exibe uma dimensão sintática semelhante à de sua matriz, com alterações mínimas, tais como substituição de palavras, alteração da ordem dos constituintes sintáticos da proposição-enunciada, entre outras. Esses resultados são sugestivos de um tipo de diálogo instaurado com o discurso do outro no texto acadêmico-científico em que o L1/E1 mostra-se favorável no plano do conteúdo e das palavras, construindo um laço de responsabilização na materialidade do seu próprio dizer. Ao serem colocados em debate no meio acadêmico, tais resultados podem servir de base para (re)pensarmos diferentes direcionamentos para o ensino da escrita científica, visando os diferentes gêneros de discurso elaborados nessa esfera da atividade humana e considerando, em particular, a formação inicial do professor pesquisador.

Palavras-chave: responsabilidade enunciativa, discurso do outro, paráfrase, discurso indireto, modalização em discurso segundo.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais tem-se voltado atenção para o estudo do texto acadêmico, tendo em vista que escrever é um dos pontos de maior dificuldade por parte de muitos alunos, em diferentes níveis de formação, e essa problemática percorre diferentes áreas do conhecimento, como mostram resultados de estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Textos (GPET), na universidade onde atuamos, por exemplo, Bessa (2010, 2011), Bernardino (2012, 2013), Bessa e Bernardino (2011), entre muitos outros a nível nacional e internacional.

Reconhecendo a importância de discutir sobre a produção acadêmico-científica e empenhado em colaborar com esse debate, o presente trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UERN – cota 2016-2017) que tem como objetivo estudar as estratégias de reformulação parafrástica através das marcas de discurso indireto (DI) e de modalização em discurso segundo (MDS ou *mediativo*) a partir de artigos científicos de pesquisadores iniciantes e experientes, observando os movimentos de (não) assunção da responsabilidade enunciativa. Especificamente, pretendemos: (i) identificar os contextos linguísticos em que os autores mobilizam o discurso do outro por meio do DI e MDS; (ii) descrever e interpretar as estratégias de reformulação parafrástica do conteúdo do discurso do outro nas citações por DI e MDS; e (iii) discutir sobre os efeitos de sentido decorrentes do parafraseamento praticado e do posicionamento enunciativo assumido pelos pesquisadores iniciantes e experientes em relação ao discurso do outro no texto acadêmico-científico.

Os artigos científicos que compõem o *corpus* da nossa pesquisa foram coletados em dois periódicos especializados da área de Letras, sendo disponíveis para livre acesso em versão *on-line*. Trata-se da revista DELTA (avaliada com estrato A1 no *Qualis CAPES*) e a revista Diálogo das Letras (estrato B1). Escolhemos a revista DELTA por constitui-se como um espaço de produção científica especializada, considerada de grande qualidade, como também por aceitar apenas trabalhos de autores com título de doutor. A escolha da revista Diálogo das Letras deu-se pelo fato de que em seus primeiros números disponibilizou espaço para trabalhos científicos de alunos de graduação.

A pesquisa é de natureza documental, conforme as orientações de Gil (1991) Calado e Ferreira (2005), Severino (2007), entre outros autores, e a abordagem adotada caracteriza-se como qualitativa, tendo em vista que pretendemos obter uma compreensão crítica do fenômeno analisado. Quanto ao método, seguimos o que Moraes (2003, p. 197-198)

denomina de “processo misto de análise”, isto é, uma combinação do método dedutivo e indutivo, uma vez que aplicamos categorias prévias mobilizadas da teoria que fundamenta a pesquisa, mas também, guiados pela teoria e pelo processo interpretativo de construção de inferências, podemos organizar as informações do *corpus* em outras categorias – etapa que ainda está em curso no processo de análise dos dados.

O aporte teórico adotado nesta pesquisa advém do estudo de Adam (2011), filiando-se, pois, à Análise Textual dos Discursos (ATD), em diálogo com autores situados no campo dos estudos enunciativos, tais como Guentchéva (1994), Rabatel (2009, 2013), Authier-Revuz (1998), além de considerar a noção de paráfrase, tal como ela é empregada nos estudos de Hilgert (2002, 2015), bem como a abordagem de gêneros do discurso, conforme Bakhtin (2011).

Nosso artigo está estruturado da seguinte forma: após estas palavras introdutórias, fazemos uma discussão teórica acerca da ATD e da responsabilidade enunciativa, bem como sobre o parafraseamento nas citações por “DI” e por “MDS”, em seguida apresentamos a análise dos dados e, por último, a conclusão, que apresenta os resultados parciais obtidos na pesquisa.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Análise Textual dos Discursos

A Análise Textual dos Discursos (ATD) é decorrente da aproximação das tarefas da Linguística Textual (LT) e da Análise do Discurso (AD), mostrando-se, de um lado, como uma “teoria de conjunto”, por promover o diálogo com outras teorias – por exemplo, as Teorias Enunciativas – e, de outro, como um novo procedimento de análise que articula “decididamente” texto e discurso, a partir de novas categorias. Ao mesmo tempo em que a ATD surge como uma teoria advinda do diálogo entre a LT e a AD, ela também delimita o seu lugar, ou seja, suas fronteiras, em relação ao campo dos estudos do discurso, como sugerem as seguintes palavras de Adam (2011):

[...] É sobre novas bases que propomos, hoje, *articular uma linguística textual desvincilhada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da análise de discurso francesa (ADF)*. Nossas referências bibliográficas tornarão explícito o que nos separa do quadro estrito da ADF e nos orienta, sobretudo, para a análise de discurso tal como é delineada por Dominique Maingueneau (1991, 1995). (ADAM, 2011, p. 43, grifos nossos)

Assim, a ATD trata-se de uma teoria que, nas palavras de Adam (2011), é um novo quadro de estudos com metodologia e categorias próprias. Diferentemente de estudos anteriores, apresenta uma Linguística Textual que vai além do nível da frase e uma Análise de Discurso desprendida da Análise do Discurso Francesa (ADF), e mostrando-se mais próxima da AD praticada por Dominique Maingueneau, que, assim como a ATD, propõe categorias de análise do texto.

Adam (2011) demarca os níveis de análise textual discursiva e apresenta o texto na base, tomando-o como objeto de estudo. Assim, o autor propõe oito níveis para análise de textos concretos. Os níveis ou planos da análise de discurso contemplam, de maneira inseparável: o nível 1, compreendendo que toda ação de linguagem tenha um objetivo a ser alcançado; o nível 2, que diz respeito ao contexto dessa ação de linguagem e ocorre por meio de uma interação social em uma determinada formação sociodiscursiva, reguladora daquilo que pode e deve ser dito, através de uma língua dada, que por sua vez se materializa no texto, a partir de uma variedade linguística em um interdiscurso, sendo este situado no nível 3; e, mediando os planos da análise do texto e da análise do discurso, tem-se os gêneros, reguladores das ações no texto. Já os níveis ou planos da análise textual recobrem: o nível 4, relativo às proposições, enunciados e períodos; o nível 5, referente à estrutura composicional, sequências e planos de texto; o nível 6, que diz respeito à representação discursiva, à semântica; o nível 7, ligado à dimensão enunciativa dos textos, onde se encontra o fenômeno da responsabilidade enunciativa e a coesão polifônica; e, finalmente, o nível 8 está relacionado aos atos de discurso e à orientação argumentativa. É sobre o nível 7 que direcionamos o foco deste trabalho.

2.2 Responsabilidade enunciativa

A responsabilidade enunciativa (RE) é um fenômeno que diz respeito à dimensão polifônica dos textos, pois recobre os movimentos de (não) assunção do primeiro locutor-enunciador (L1/E1) pelo conteúdo proposicional dos pontos de vista (PdV). Como categoria da análise textual, permite identificar quem é o responsável pelas vozes que suscitam nos textos.

Ancorado em Benveniste, em sua descrição do “aparelho formal da enunciação”, Adam (2011, p. 117-120) enumera oito categorias que assinalam o grau de responsabilidade enunciativa, detalhando minimamente suas marcas linguísticas. As categorias são: os índices de pessoas, os dêiticos espaciais e temporais, os tempos verbais, as modalidades, os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores, os fenômenos de

modalização autonímica e as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Dessas categorias daremos ênfase a duas que se constituem como foco do nosso trabalho, a partir das quais focalizamos especificamente a marca linguística de discurso indireto (DI), que é um entre os diferentes tipos de representação da fala, e os marcadores de mediativo (MED) – que também podem ser denominados de modalização em discurso segundo (MDS). Para abordar sobre essas categorias, além de Adam (2011), recorreremos também a alguns estudiosos da área, como Authier-Revuz (1998) e Guentchéva (1994).

Sobre o DI, Authier-Revuz (1998, p. 150) afirma que se trata de “uma operação de *reformulação*, isto é, de produção de um enunciado como tendo o mesmo sentido que a *m* do ato relatado.”. Em outras palavras, o DI reformula um enunciado anterior, apresentando o mesmo sentido semântico da matriz.

No que se refere à categoria indicações de quadros mediadores, segundo Adam (2011), pode ser assinalada por introdutores como *segundo, para, de acordo com*; pela modalização por um tempo verbal; ou ainda pela escolha do verbo de atribuição de fala, por exemplo, *parece, afirmam*; por reformulações como *é de fato, em todo caso, de fato*, entre outros marcadores. Trata-se, nesse caso, de marcas linguísticas que sugerem o distanciamento do locutor-enunciador em relação ao conteúdo proferido, uma vez que este é atribuído a uma fonte segunda (outro locutor-enunciador, outra instância ou entidade).

Essa categoria é chamada também de mediativo, termo usado por Guentchéva (1994), em um estudo sobre os tempos verbais do francês. Nesse trabalho, a autora afirma que o mediativo não exprime garantia de verdade das palavras proferidas, demarcando, assim, uma espécie de *continuum* de distanciamento em relação aos fatos relatados, em outros termos, o mediativo se trata de uma categoria em que, no enunciado, o L1/E1 atribui a outrem o PdV, uma vez que ele não se compromete com a verdade das palavras relatadas. Dessa forma, configura-se como um contexto linguístico de não assunção pelo conteúdo do PdV.

Sobre a não assunção da RE, Rabatel (2009) discute sobre o conceito de imputação, que diz respeito à atribuição da RE para um enunciador segundo (e2). Conforme o autor, é possível perceber o grau de engajamento de L1/E1 em relação ao PdV imputado, uma vez que ele pode construir um laço de responsabilização (RABATEL, 2013), mostrando-se de acordo com e2, por levar em conta ser verdade o conteúdo do PdV (ocorrência designada de “responsabilidade limitada”, ou uma *quase-PEC*, em sua terminologia); pode estar em desacordo, no caso se, por algum motivo, L1/E1 não concordar com o PdV de e2; ou pode também se manter neutro, caracterizando o que Rabatel (2009) chama de *neutralidade*, que

ocorre quando L1/E1 profere um PdV, mas não releva quem assume o conteúdo, pelo fato de atribuí-lo a fontes não evidenciadas explicitamente.

2.3 O parafraseamento nas citações por “DI” e “MDS”

Neste trabalho, estamos compreendendo o parafraseamento como um exercício de reformulação textual, nos termos como concebe Hilgert (2002; 2015), em estudos sobre a construção do texto falado. Trata-se de reconstruir um enunciado matriz em um novo enunciado a partir de palavras próprias, mantendo-se com aquele uma compatibilidade semântica. Recorremos à paráfrase quando temos o intuito de explicar melhor determinado assunto, ser mais específico, no sentido de proporcionar um melhor entendimento por parte do nosso interlocutor. Dessa forma, baseando-nos em Hilgert (2002, p. 147-149, grifos nossos), destacamos três tipos de paráfrase:

A expansão parafrástica consiste no fato de o parafraseamento se realizar por meio de um enunciado lexical e sintaticamente mais complexo do que a matriz. [...] **A condensação parafrástica** quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se formula numa unidade lexical e sintaticamente mais simples [...]. **O paralelismo parafrástico**, finalmente, podem reconhecer paráfrases que se formulam na mesma dimensão léxico-sintática de suas matrizes.

Nessa perspectiva, o autor afirma que a paráfrase expansiva ocorre quando há uma especificação ou precisão do sentido, ou seja, a matriz apresenta uma maior abrangência semântica em relação à paráfrase. Quando ocorre a especificação, a paráfrase é expandida lexical e sintaticamente, tendo em vista que acontece uma atualização semântica do conteúdo, mas de modo a manter uma relação semântica entre matriz e paráfrase. Dessa forma, a expansão parafrástica tem a função de especificar, definir e explicar. Quanto à condensação parafrástica, percebemos um movimento contrário da paráfrase expansiva, parte-se do específico para o geral, a matriz possui uma menor abrangência semântica em relação à paráfrase, sendo esta com a função de resumir ou concluir. Já no paralelismo parafrástico, a paráfrase pouco diferencia-se da matriz, apresentando algumas variações lexicais ou mudança sequencial das palavras, e pode produzir os movimentos de especificação ou generalização.

No *corpus* delimitado para análise, observamos a reformulação parafrástica em situações em que L1/E1 reformula o discurso do outro a partir das marcas linguísticas de DI e MDS, já que a formulação textual dessas duas categorias de responsabilidade enunciativa requer do autor o trabalho de parafraseamento das palavras de e2. Assim, analisamos comparativamente como pesquisadores iniciantes e experientes praticam essa estratégia em

seus textos. Na seção a seguir, trazemos ocorrências ilustrativas do tipo de paráfrase utilizado por esses pesquisadores, quais sejam: a expansão parafrástica, a condensação parafrástica e o paralelismo parafrástico.

3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA NAS CITAÇÕES POR DI E MDS EM TEXTOS DE PESQUISADORES INICIANTE E EXPERIENTES

Conforme os objetivos propostos nesse trabalho, essa seção dedica-se a apresentar nossas análises preliminares do *corpus* da pesquisa. Dessa forma, objetivamos estudar as ocorrências de retomadas ou citações do discurso do outro por meio de marcadores de DI e MDS, que assinalam a responsabilidade enunciativa. A seguir, analisamos qualitativamente quatro ocorrências de reformulação parafrástica, sendo duas em contextos linguísticos de citação por DI e duas em contextos de citação por MDS, retiradas de artigos de pesquisadores iniciantes e pesquisadores experientes.

Para efeito de contextualização, organizamos os dados na forma de quadro. No topo do quadro, informamos o título do artigo científico; na primeira coluna, inserimos o trecho do texto-fonte que atua como enunciado-matriz, seguido da referência bibliográfica, da forma como consta no artigo científico, sem sofrer nenhum tipo de alteração; e, na outra coluna, consta o enunciado parafrástico. Esclarecemos também que usamos o código Ac01-PI para indicar a paráfrase produzida por um pesquisador iniciante e Ac01-PE para indicar a paráfrase de um pesquisador experiente – em que Ac abrevia artigo científico; 01 identifica o número de ordem; PI e PE remetem à posição do pesquisador, iniciante e experiente, respectivamente. Usamos o marcador negrito para identificar as marcas de DI e MDS, o sublinhado para dar ênfase na relação entre matriz e paráfrase e as aspas para fazer as retomadas dos enunciados parafrásticos no corpo de nossa seção de análise.

(01)

TÍTULO DO ARTIGO: Ensino de produção textual: que concepções de língua e de texto estão em jogo?	
TEXTO-FONTE	REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA
[...] Fundamentalmente, três concepções podem ser apontadas: <i>A linguagem é a expressão do pensamento</i> : essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. [...] <i>A linguagem é instrumento de comunicação</i> : essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê língua como um código (conjunto de signos que se combinam segundo as regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. [...] <i>A linguagem é uma forma de interação</i> : mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como lugar de interação humana. [...] <i>Grosso modo, essas três concepções correspondem às três grandes correntes dos</i>	No ensino de português, diferentes concepções de Língua implicam diferentes objetivos de trabalho, o que consequentemente determina práticas pedagógicas bastante distintas. Geraldi (2001a, p. 41) distingue três concepções de linguagem, estando cada uma associada a uma corrente dos estudos linguísticos. <u>A linguagem como expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação são concepções associadas, respectivamente, à gramática tradicional, ao estruturalismo e ao transformacionalismo, e à linguística da enunciação.</u> Essa última, aceita atualmente enquanto uma concepção que favorece um ensino de língua voltado para o letramento,

<p><u>estudos linguísticos: a gramática tradicional; o estruturalismo e o transformacionalíssimo; a linguística da enunciação.</u></p> <p>Referência: GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2001a.</p>	<p>levando em conta as práticas sociais e as ações que se desenvolvem por meio da linguagem.</p> <p style="text-align: right;">Ac01-PI</p>
--	--

A proposição-enunciada acima foi retirada da fundamentação teórica de um artigo que estuda e discute como acontece a produção textual na educação básica, e quais as concepções de língua e texto que permeiam esse ensino. O texto em análise destaca as três diferentes concepções de linguagem relatadas por Geraldi (2001) – linguagem como expressão do pensamento, instrumento de comunicação e como forma de interação – mostrando que cada uma delas implica objetivos e práticas de ensino distintos. Percebemos que a paráfrase produzida em Ac01-PI se trata de um paralelismo parafrástico, pois o enunciado matriz foi reformulado a partir da mesma dimensão sintático-lexical do texto-fonte. L1/E1 produz sua paráfrase como um “recorte” das partes gerais e de maior importância presentes no texto-fonte, “A linguagem como expressão do pensamento, instrumento de comunicação, forma de interação”, em seguida da mesma forma parafraseia as correntes linguísticas ligadas a essas concepções de linguagem, afirmando que “são concepções associadas, respectivamente, à gramática tradicional, ao estruturalismo e ao transformacionalismo, e à linguística da enunciação”.

Há apenas poucas trocas de palavras, como em “três concepções correspondem às três grandes correntes dos estudos linguístico”, no enunciado da matriz, por “são concepções associadas, respectivamente”, em que L1/E1 suprime, na paráfrase, o enunciado “três concepções correspondem às três grandes correntes”. Observamos, assim, que o enunciado parafrástico ficou pouco distinto lexicalmente do texto-fonte, mostrando uma total compatibilidade sintática e semântica em relação à matriz.

Sobre os movimentos de (não) assunção da responsabilidade enunciativa, percebemos que, durante a retomada não literal do discurso do outro, L1/E1 utiliza da marca linguística “Geraldi (2001, p. 41) distingue”, introduzindo o DI e atribuindo o PdV a um e2, portanto imputa a RE para essa fonte autoral. Entretanto, entendemos que, em Ac01-PI, o L1/E1 concorda o PdV imputado, mesmo não deixando isso tão explícito, pois reafirma a ideia de Geraldi de que a última concepção de linguagem colocada é “aceita atualmente” e favorece o ensino de língua direcionado para o letramento. Dessa forma, trata-se, na perspectiva de Rabatel (2009), de uma imputação com acordo, uma vez que L1/E1, depois de imputar o PdV a Geraldi (2001), posiciona-se de maneira favorável em relação ao conteúdo proposicional

abordado, mostrando sua adesão à terceira concepção de linguagem defendida por Geraldi e também por tomar o PdV imputado como base teórica para seu trabalho.

(02)

TÍTULO DO ARTIGO: Estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov	
TEXTO-FONTE	REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA
<p>É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.</p> <p>Referência: BAKHTIN, Mikhail & Voloshinov, Valentin Nikolaevich. 1988. Marxismo e Filosofia da Linguagem [1929] (trad. Michel Lahud; Yara F. Vieira). São Paulo: Editora Hucitec.</p>	<p>Bakhtin/Voloshinov ([1929] 1988) sugere que a ordem metodológica para o estudo da mudança na língua deve seguir a seguinte direção: <u>relações sociais (vinculadas à infra-estrutura = relações de produção) interação verbal e comunicação</u> (inseridas nas relações sociais) _ formas e atos de fala _ formas da língua.</p> <p style="text-align: right;">Ac01-PE</p>

A reformulação parafrástica acima foi produzida em um tópico de discussão teórica sobre metodologia e sujeito na perspectiva de Bakhtin e Labov. A paráfrase analisada explica acerca da evolução da língua, apresentando uma ordem metodológica para a mudança linguística. Entendemos que a paráfrase construída em Ac01-PE é inicialmente um paralelismo parafrástico, pois há uma simetria sintática e compatibilidade semântica, apresentando uma aproximação em termos formais no que diz respeito à articulação entre paráfrase e matriz. Assim, a paráfrase é construída a partir do acréscimo da expressão “metodológica para o estudo”, e substitui a expressão “evolução real da língua” da matriz para “mudança na língua” na paráfrase, seguindo a mesma dimensão sintático-lexical do texto-fonte. Nessa mesma ocorrência, temos também o movimento de condensação parafrástica, quando L1/E1 apresenta a última direção para o estudo da mudança da língua, resumindo a ideia da evolução da língua ligada a relações sociais, tal como está presente na matriz, em “(inseridas nas relações sociais)_ formas e atos de fala _ formas da língua”, na paráfrase.

Através do marcador de DI “Bakhtin/Voloshinov ([1929] 1988) sugere que”, L1/E1 atribui a responsabilidade enunciativa do PdV enunciado para Bakhtin. Observando o cotexto e considerando os objetivos do artigo do qual retiramos a paráfrase, percebemos que L1/E1 permanece no que Rabatel (2009) denomina de neutralidade, ou seja, L1/E1 imputa o PdV e não toma partido sobre a verdade do enunciado imputado para e2. Consideramos, também, que no tópico em que foi produzida a paráfrase, o autor tem somente o objetivo de expor qual a perspectiva de Bakhtin sobre a evolução da língua.

Partimos agora para análise de ocorrências de reformulação parafrástica em retomadas do discurso do outro pelo uso do marcador MDS da responsabilidade enunciativa.

(03)

TÍTULO DO ARTIGO: Ensino de produção textual: que concepções de língua e de texto estão em jogo?	
TEXTO-FONTE	REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA
<p>Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais <u>são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social</u>. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] Partimos do pressuposto básico de que <u>é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto</u>. (MARCUSCHI, 2007, p. 19-22)</p> <p>Referência: MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). <i>Gêneros Textuais e Ensino</i>. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.</p>	<p><u>Conforme L. A. Marcuschi (2002), todo texto, toda forma de interação linguística se manifesta num gênero – um fenômeno histórico estreitamente vinculado à vida cultural e social do seu meio de produção, materializado pela linguagem.</u></p> <p style="text-align: right;">Ac02-PI</p>

O enunciado parafrástico em Ac02-PI faz parte da seção teórica que discute sobre a produção textual e as concepções de linguagem. Considerando o co(n)texto, na referida discussão o L1/E1 discorre sobre os conceitos de texto e gêneros textuais. Ao discorrer sobre texto, o L1/E1 parafraseia o PdV de Marcuschi, fazendo uso da marca de MDS *conforme*. Através desse marcador, percebemos que o conteúdo proposicional foi imputado a e2, e, neste caso, o conteúdo de que os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social é atribuído a Marchuschi. Dessa forma, o L1/E1 não assume a responsabilidade do conteúdo proferido por e2. No entanto, ele mantém um posicionamento de acordo, uma vez que o L1/E1 concorda com o conteúdo imputado a Marchuschi.

Quanto ao parafraseamento, percebemos que o L1/E1 reformula o conteúdo em destaque invertendo a posição dos enunciados e condensando a ideia principal da matriz. Na reformulação parafrástica, o L1/E1 muda os termos do plural para o singular, podemos observar que o enunciado matriz “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” foi reformulado por L1/E1 como “fenômeno histórico estreitamente vinculado à vida cultural e social do seu meio de produção, materializado pela linguagem.”. Nesse sentido, entendemos que se trata de um paralelismo parafrástico, pois a reformulação segue a mesma dimensão sintática e semântica da matriz, bem como demarca uma adesão às palavras do autor citado. Já a proposição-enunciada “todo texto, toda forma de interação linguística se manifesta num gênero”, classificamos como condensação parafrástica, pois L1/L1 fez um recorte resumidor na proposição-enunciada do texto-fonte de que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.”.

(04)

TÍTULO DO ARTIGO: Carnavalização e new journalism: o agenciamento da emoção e do ethos em crônicas da esfera jornalística	
TEXTO-FONTE	REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA
<p>O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. <u>Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.</u> Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, <u>mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.</u></p> <p>Referência: BAKHTIN, M. M. 1997a. Os Gêneros do Discurso. In: _____. <i>Estética da Criação Verbal</i>. São Paulo: Martins Fontes: 277-326.</p>	<p>Bakhtin evidencia que a intenção discursiva do locutor (autor), a qual determina as fronteiras e a amplitude do enunciado, realiza-se primordialmente pela e na escolha de um gênero do discurso, balizada pelas características específicas da esfera da comunicação verbal em que se dá a interação, pelas necessidades de uma temática, pela natureza da interação e papel social dos interlocutores, entre outros (BAKHTIN, 1997a). Entendemos aqui gênero do discurso conforme Bakhtin (1997a), ou seja, <u>como tipo relativamente estável de enunciado próprio de cada esfera específica da comunicação verbal, materializado no entrecruzamento de três dimensões: temática, estilística e composicional.</u></p> <p style="text-align: right;">Ac02-PE</p>

A reformulação parafrástica do Ac02 foi retirada da seção teórica que discute sobre o agenciamento da emoção e do *ethos* pela presença da carnavalização em crônicas jornalísticas. Extraímos o excerto acima do tópico intitulado “Dialogando com Bakhtin – alteridade, autoria e gênero do discurso”, que traz as reflexões de Bakhtin sobre a relação do eu e o outro, estabelecendo um diálogo com a postura de autoria e os gêneros discursivos.

No que se refere às marcas linguísticas do mediativo, identificamos uma ocorrência desse fenômeno no fragmento supracitado, especificamente na expressão “conforme Bakhtin”. Ao utilizar o modalizador “conforme”, o L1/E1 atribui a responsabilidade pelo conteúdo proposicional a uma outra fonte enunciativa, uma vez que, para o e2, Bakhtin é a fonte da proposição-enunciada de que o gênero do discurso é um tipo relativamente estável de enunciado que se materializa pelo entrecruzamento de três dimensões: temática, estilo verbal e estrutura composicional. Dessa forma, o L1/E1 não assume o enunciado, isto é, ele não assegura como verdade o conteúdo do PdV, já que este está sob a dependência de outra fonte. No entanto, considerando o co(n)texto, percebemos que L1/E1 concorda com o PdV e e2, uma vez que ele faz uso do PdV de Bakhtin para ancorar seus argumentos sobre o conceito de gêneros discursivos.

Com relação ao parafraseamento praticado, percebemos que se trata de um paralelismo parafrástico, pois a reformulação segue a mesma dimensão sintática e semântica da matriz, ou seja, o L1/E1 reformula o enunciado em destaque, invertendo a posição dos termos. No enunciado matriz, tem-se “Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”, enquanto que, na reformulação parafrástica, observamos que a alteração é mínima, ocorrem basicamente deslocamentos

sintáticos: [o gênero do discurso] “como tipo relativamente estável de enunciado próprio de cada esfera específica da comunicação verbal, materializado no entrecruzamento de três dimensões: temática, estilística e composicional”. Nesse caso, L1/E1 apresenta as três dimensões do gênero ao final da reformulação, ao contrário do texto-fonte, que apresenta no início.

Além disso, percebemos que, na reformulação, L1/E1 muda a flexão de número das palavras, do plural para o singular, por exemplo, nos termos “estáveis” para “estável”, “enunciados” para “enunciado”. Por essa razão, entendemos que se trata de paralelismo parafrástico, pois as modificações são mínimas.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista que este trabalho se propôs a estudar as estratégias de reformulação do discurso do outro, mobilizadas por pesquisadores iniciantes e experientes pelo uso da paráfrase, através das marcas de DI e MDS, foi possível fazer algumas constatações a partir da descrição e interpretação dos dados suscitados do *corpus*. Percebemos que o DI e MDS são mobilizados em contextos linguísticos que, apoiados em Rabatel (2009), entendemos como imputação seguida de acordo, L1/E1 imputa o PdV e2, e em seguida manifesta um posicionamento favorável a e2.

Diante das análises iniciais do *corpus*, percebemos que tanto os pesquisadores iniciantes quanto os mais experientes mobilizam frequentemente o discurso alheio em seus textos, como forma de fundamentar suas ideias, sendo isso uma adequação à própria natureza do texto acadêmico-científico e em decorrência das ações reguladoras do gênero e da esfera social da atividade humana (cf. ADAM, 2011; BAKHTIN, 2011), uma vez que é preciso demonstrar fundamentação teórica a partir do diálogo com o conhecimento já produzido na área.

Nas ocorrências analisadas, o parafraseamento praticado por ambos os pesquisadores indica adesão às palavras dos autores citados, evidenciando o tipo de paráfrase chamado de “paralelismo parafrástico”, pois consiste no parafraseamento em que o enunciado reformulado apresenta uma dimensão semântica e sintática semelhante à matriz, isto é, as alterações são mínimas, como por exemplo, inversão da ordem dos elementos sintáticos da proposição-enunciada, substituição de palavras, entre outras.

Os resultados da nossa pesquisa indicam, portanto, que, dada a natureza do gênero, os pesquisadores mobilizam o discurso do outro no texto acadêmico-científico para dialogar com autores da sua área de estudo e enriquecer seus argumentos. Destacamos ainda que, no plano

enunciativo de gestão das vozes no texto, o L1/E1 se apresenta favoravelmente em relação às palavras e ao conteúdo, no que diz respeito ao discurso alheio, construindo um laço de responsabilização na materialidade do seu próprio dizer.

Como anunciamos antes, trata-se de resultados parciais de uma pesquisa em andamento, porém já podemos sinalizar que, como contribuição, entendemos que esses dados podem servir de apoio para discutirmos sobre diferentes direcionamentos para o ensino da escrita no âmbito acadêmico-científico, levando em consideração, especialmente, a formação inicial do professor pesquisador.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica: João Gomes das S. Neto. 2. ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Ed. da UNICAMP. 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Original russo 1979).

BESSA, J. C. (Coord.). **Projeto de pesquisa**: “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de Curso de Letras”. Departamento de Letras do *Campus Avançado* “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2010. (Apoio: PIBIC/UERN).

_____. **Projeto de pesquisa**: “O discurso do outro em textos acadêmicos de especialistas de diferentes áreas do conhecimento”. Departamento de Letras do *Campus Avançado* “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2011. (Apoio: PIBIC/CNPq/UERN).

_____. BERNARDINO, R. A. dos S. Das marcas de dialogismo no texto acadêmico: o discurso citado em monografias de estudantes de Letras/Português. **Língua & Literatura**. v. 13 n. 21, 2011, p. 55-72. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/163/315>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

BERNARDINO, R. A. S. **Projeto de pesquisa**: “A responsabilidade enunciativa em artigos científicos produzidos por estudantes de Letras”. Departamento de Letras do *Campus Avançado* “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2012. (Apoio: PIBIC/CNPq/UERN).

_____. (Coord.). **Projeto de pesquisa**: “A dimensão da responsabilidade enunciativa na construção da autoria em texto monográfico”. Departamento de Letras do *Campus Avançado*

“Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2013. (Apoio: PIBIC/UERN).

CALADO, C.; FERREIRA, C. **Análise de documentos**: método de recolha e análise de dados. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2005. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 207.

GUENTCHEVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans temps du français. In: **Langue française**. n. 102, p. 8-23, 1994.

HILGERT, J. G. A paráfrase na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **A gramática do português falado**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 131-147.

_____. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. São Paulo: Contexto, v. I, 2015, p. 257-278.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... **Langue française** – La notion de prise en charge en linguistique, n. 162, jun, p. 3-27, 2009.

_____. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: WANDER, E. (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Tradução de Wander Emeditato. BeloHorizonte: FALE/UFMG, Núcleo de Análise do Discurso, 2013, p. 19-66.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.